

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

JANAINA MARIA DE SOUSA LIMA
JÉSSYKA GONÇALVES BEZERRA
JULIANA LAURA GOMES MOREIRA
ROSILENE ALEXANDRE DO NASCIMENTO SILVA

ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AO PACIENTE COM EPILEPSIA

RECIFE
2023

JANAINA MARIA DE SOUSA LIMA
JÉSSYKA GONÇALVES BEZERRA
JULIANA LAURA GOMES MOREIRA
ROSILENE ALEXANDRE DO NASCIMENTO SILVA

ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AO PACIENTE COM EPILEPSIA

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Enfermagem.

Professor(a) Orientador(a): Hugo Christian de Oliveira Félix

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

A848 Assistência da enfermagem ao paciente com epilepsia / Janaina Maria de
Sousa Lima [et al.]... - Recife: O Autor, 2023.

14 p.

Orientador(a): Hugo Christian de Oliveira Félix.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Enfermagem, 2023.

Inclui Referências.

1. Crise epiléptica. 2. Cuidado. 3. Profissional de enfermagem. I.
Lima, Janaina Maria de Sousa. II. Bezerra, Jéssyka Gonçalves. III.
Moreira, Juliana Laura Gomes. IV. Silva, Rosilene Alexandre do
Nascimento. V. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. VI. Título.

CDU: 616-083

Dedicamos esse trabalho a nossos pais e familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas nossas vidas, e por nos ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos nossos pais, pelo incentivo e compreensão.

Aos nossos amigos de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com espírito colaborativo.

Aos nossos mestres.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 SEÇÃO SECUNDÁRIA.....	11
2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS EPILEPSIAS.....	12
2.3 CUIDADOS DA ENFERMAGEM PRESTADOS AO PACIENTE EPILÉPTICO.....	13
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	21

ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM AO PACIENTE COM EPILEPSIA

JANAINA MARIA DE SOUSA LIMA
JÉSSYKA GONÇALVES BEZERRA
JULIANA LAURA GOMES MOREIRA
ROSILENE ALEXANDRE DO NASCIMENTO
HUGO CHRISTIAN DE OLIVEIRA FÉLIX¹

Resumo: A epilepsia é uma condição neurológica crônica que causa convulsões, que são episódios de atividade elétrica anormal no cérebro. Neste sentido os profissionais de enfermagem são profissionais cujas atividades estão diretamente relacionadas com o cuidado de pacientes com epilepsia. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi evidenciar, à luz da literatura, a atuação da enfermagem frente a pacientes com epilepsia. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujas buscas foram empreendidas nas seguintes bases de dados: MEDLINE, SCIELO e BVS. Foram utilizados os seguintes descritores: assistência de enfermagem crises epiléticas e convulsão. Os achados apontam a importância da capacitação dos profissionais de enfermagem na conduta profissional direcionada aos pacientes com epilepsia. Acima de tudo, os profissionais de enfermagem atuam na educação em saúde, especialmente importante na educação básica. Vale ressaltar a importância dos enfermeiros especialistas (especialização ausente no Brasil), gerenciando as mudanças nos serviços, na educação, propiciando avanço na assistência à pessoas com epilepsia.

Palavras-chave: Crise epilética. Cuidado. Profissional de enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a epilepsia é uma desordem cerebral que afeta quase 60 milhões de pessoas no mundo. A epilepsia caracteriza-se por incidência súbita e repentina de crises epiléticas que podem levar a situações perigosas e de risco de vida. Os sinais de eletroencefalograma (EEG) evidenciam a atividade elétrica cerebral e, através destes sinais, é possível analisar as crises epiléticas, resultados de distúrbios elétricos momentâneos e inesperados do cérebro e de excessiva descarga neuronal (GAZIC et al., 2017).

A epilepsia é uma alteração momentânea do cérebro, não causada por fatores externos. Também de acordo com a Organização Mundial de Saúde, até 10% da

¹ Professor da UNIBRA. Mestre em Gestão Empresarial. E-mail: hugo.christian@grupounibra.com

população mundial tem, ao menos, uma convulsão durante toda a sua vida (OMS, 2019). A crise convulsiva está ligada a uma alteração no funcionamento do sistema nervoso central, podendo ocasionar sequelas por toda a vida. Caracteriza-se por movimentos musculares súbitos e involuntários, que ocorrem de maneira generalizada ou apenas em segmentos do corpo. Há dois tipos fundamentais de convulsão: tônica e clônica, além de um tipo que é a soma dos outros dois - tônico-clônicas. As contrações tônicas se caracterizam por serem sustentadas e imobilizar as articulações. As clônicas são rítmicas, alternando-se contração e relaxamento (RODRIGUÉZ, 20018; LISSAUER; CLAYDEN, 2019).

Para definir a crise convulsiva torna-se mais viável caracterizá-la como um sinal de alerta que desencadeia atitudes dirigidas ao diagnóstico e tratamento de afecções neurológicas subjacentes, com questionamentos que relacionem o prognóstico neurológico e a utilização de medicamentos anticonvulsivantes (TAMEZ E SILVA, 2019)

Nem toda crise convulsiva caracteriza-se como epilepsia. A crise convulsiva devesse a alguns processos fisiológicos e patológicos, que podem influenciar a origem da epilepsia, como a febre, fatores metabólicos, ativação sensorial, fatores emocionais, ritmos circadianos e fatores hormonais (FERREIRA et al, 2020).

Durante um intervalo de tempo, uma determinada região do cérebro emite sinais fora do padrão. A inspeção apenas visual para detectar as atividades de crises epiléticas de dados de EEG de um paciente consome muito tempo, é passível de erros, e requer um especialista para analisar toda a extensão dos registros do EEG. Um sistema automatizado de classificação e detecção das crises provê um diagnóstico mais confiável da epilepsia, propiciando um monitoramento de longa duração. Nos últimos anos, surgiram muitos sistemas de classificação de sinais de EEG e de detecção das crises usando diferentes abordagens (TZALLAS; TSIPOURAS; FOTIADIS, 2018).

A estimativa é que a prevalência mundial de epilepsia ativa esteja em torno de 0,5% a 1,0% da população e essa prevalência sofre alterações de acordo com diferentes idades, gêneros, grupos étnicos e fatores socioeconômicos (BRASIL, 2018). O diagnóstico é realizado através da anamnese (reconhecer sinais e sintomas), exames neurológicos, exame de neuroimagem (Tomografia Computadorizada – TC ou Ressonância Magnética Nuclear – RMN) e eletroencefalograma (EEG) (FORASTIERI e VARGAS, 2019).

O paciente epiléptico está sujeito a viver em contínua tensão e ansiedade, na expectativa de que ocorra uma nova crise, situação vexatória ou discriminação pela falta de conhecimento da população sobre o assunto. Corre o risco de desenvolver sequelas permanentes causadas pela própria doença ou pela terapêutica quando mal conduzida (BRASIL, 2018).

As discussões e olhares da assistência de todos os setores da sociedade devem ser estimuladas especialmente nas equipes de saúde. A enfermagem em saúde mental e a neurologia devem estar dedicadas para promover melhor qualidade de vida, uso racional de medicamentos e identificação de sinais e sintomas associados à epilepsia (MOREIRA, FUREGATO, 2018).

Mas associados à epilepsia, a enfermagem tem papel importantíssimo já que recepciona o paciente e realiza o acompanhamento, porém a falta de especialização atrapalha o processo do cuidar. Enfermeiros podem fornecer uma ampla gama de cuidados aos portadores da doença e suas famílias podendo prescrever medicamentos; realizar exames de diagnóstico e prescrever outros tipos de tratamentos médico; podem se concentrar em fornecer educação de autogestão; fornecer educação a colegas, comunidades e estudantes (PREVOS-MORGANT, LEAVY, 2019).

A necessidade de abranger o conhecimento sobre as epilepsias na área da enfermagem foi o incentivo para realizar este trabalho visando a melhoria do conhecimento profissional e, conseqüentemente, uma melhor qualidade da assistência prestada aos portadores desta doença já que não há muitos estudos realizados focados no papel do enfermeiro. Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho foi evidenciar como a enfermagem pode atuar frente a pacientes com epilepsia, reconhecendo o papel da enfermagem na prestação de cuidados, a interação do enfermeiro com pacientes que possuem epilepsia e a importância de enfermeiros especialistas na área de epilepsia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTOS GERAIS DA EPILIPSIA

A epilepsia é uma condição neurológica definida pela ocorrência de convulsões recorrentes e espontâneas, que ocorrem devido a uma atividade elétrica anormal no cérebro. Essas convulsões podem afetar diferentes partes do corpo, como os membros, o tronco, a face e até mesmo a consciência e controle da função vesical e intestinal, podendo ser prejudiciais à saúde e à qualidade de vida das pessoas que sofrem com a condição (DINIZ; PASSOS, 2020).

De acordo com a Organização de Saúde, cerca de 1% da população são portadores de epilepsia, em países de baixa e média renda, a prevalência da epilepsia é geralmente mais alta do que em países de alta renda. Estima-se que cerca de 80% das pessoas com epilepsia vivam em países em desenvolvimento. Além disso, a epilepsia é mais comum em crianças e idosos, mas pode afetar pessoas de qualquer idade. Estudos sugerem que a prevalência da epilepsia é ligeiramente maior em homens do que em mulheres (OMS, 2023).

No Brasil, é estimado que esteja em torno de 2% no qual a prevalência sofre variações de acordo com fatores genéticos, socioeconômicos, a faixa etária e grupos étnicos. Existem muitas causas possíveis para a epilepsia, incluindo lesões e tumores cerebrais, anormalidades congênitas, traumas, infecções, entre outras. Os episódios de convulsão podem variar desde tremores musculares ou lapsos de atenção breves, até convulsões graves e duradouras. Além disso, pode variar a sua frequência acometendo o portador da doença a ter várias convulsões no mesmo dia (SOUZA et al., 2021).

Se uma crise convulsiva se manifesta por meio de causas agudas como alteração hidroeletrólítica, traumatismos cranioencefálico ou doença coexistentes é considerada uma crise convulsiva e não epilepsia. Contudo para que se ocasione a doença na fase crônica é necessário haver desequilíbrio entre inibição do cérebro e excitação relacionados a descarga excessiva de potencial de ação e disparo neuronal, sincronização das células nervosas e por fim descontrole do potencial da membrana neuronal (COSTA; BRANDÃO; SEGUNDO, 2020).

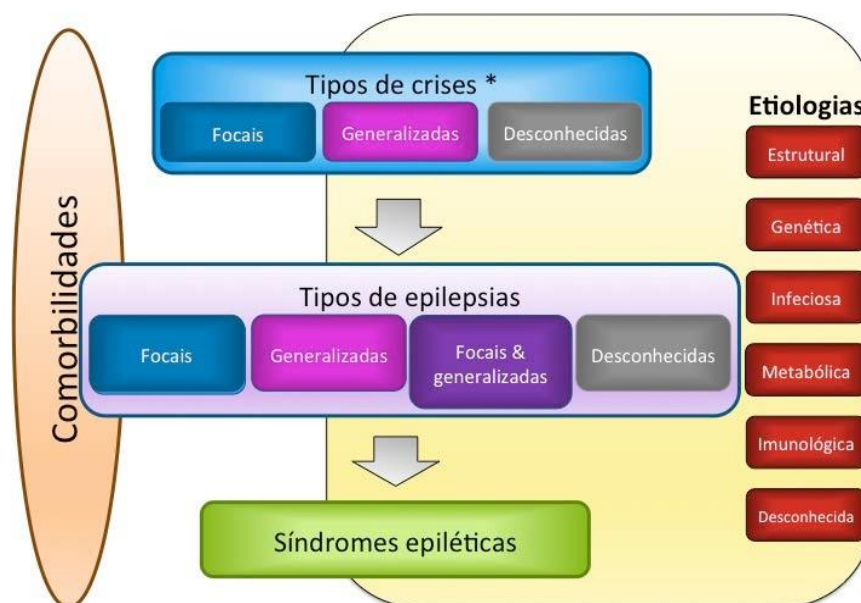
Cerca de 30% dos indivíduos que portam epilepsia, mesmo com as causas estabelecidas, não consegue um controle das crises adequado por meio de terapias

medicamentosas. Diante disso, o paciente pode sofrer transtornos como prejuízo cognitivo, psicológicos, sociais e motores, influenciando diretamente na qualidade de vida desses indivíduos, além disso, trazem consequências que acabam sendo a causa de novos transtornos (DINIZ; PASSOS, 2020).

2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS EPILEPSIAS

A classificação da epilepsia pode ser realizada pelo médico de acordo com o tipo de crise, após isso é necessário classificar o tipo de epilepsia do paciente, com isso é possível estabelecer qual a síndrome epilética por meio de sua característica. Além disso, é fundamental que haja o resultado de exames auxiliares como eletroencefalograma e estudos de neuroimagem. O novo método de classificação das epilepsias como demonstra a figura 1, foi realizado com o intuito de se ter auxílio em diferentes ambientes clínicos (SCHEFFER, 2017).

Figura 1 - Quadro de classificação da fase inicial das epilepsias



Fonte: SCHEFFER, 2017

Os tipos de crise é um dos tipos de classificação que visa estabelecer um definitivo de que trata-se de uma crise epilética, porém não é utilizada para que haja distinção de eventos epiléticos de não epiléticos, portanto as crises são apontadas como início focal desconhecido ou generalizado. Já o segundo nível descrito como

tipo de epilepsia, pressupõe que o paciente possua o diagnóstico da doença a partir da definição da patologia do ano de 2014. No qual foi incluído novas categorias, tais como epilepsia focal e generalizada em conjunto e desconhecida, para se somar as categorias já definidas tais como, focal e generalizada (HOPKER et al., 2017).

Por fim, o terceiro nível é o diagnóstico da síndrome epilética. Há seis grupos etiológicos para as epilepsias tais como estrutural, infeccioso, genético, metabólico, desconhecido e imune. Portanto é preciso avaliar o conjunto de características que associadas englobam o tipo de crise, como as alterações de imagem e os fatores genéticos. Quando possível, deve tentar estabelecer-se o diagnóstico nos três níveis, determinando a etiologia da epilepsia (SOUZA et al., 2021).

2.3 CUIDADOS DA ENFERMAGEM PRESTADOS AO PACIENTE EPILÉPTICO

Os profissionais de enfermagem podem desempenhar um papel fundamental no cuidado de pacientes com epilepsia, tanto em termos de prevenção quanto no tratamento de crises convulsivas, uma vez que demonstra maior facilidade em avaliar e identificar o quadro clínico do portador da doença. Portanto é necessário que o profissional esteja sempre atualizado para que se possa desenvolver práticas assistências focadas no diagnóstico de cada portador de forma eficaz (RAB, 2017).

Como mencionado, a epilepsia é uma condição neurológica crônica que causa convulsões, que são episódios de atividade elétrica anormal no cérebro. Neste sentido os profissionais de enfermagem são profissionais cujas atividades estão diretamente relacionadas com o cuidado de pacientes com epilepsia de diversas formas (SOUZA et al., 2021). O quadro 1 traz algumas ações desses profissionais na assistência do paciente com epilepsia.

Quadro 1 - Atuação da enfermagem na epilepsia

Atuação do Enfermeiro	Características
Conhecer o histórico médico do paciente	É importante que o enfermeiro esteja ciente do histórico médico do paciente, incluindo os tipos de convulsões que ele costuma ter e quais medicamentos ele usa para controlar a epilepsia.

Monitorar as convulsões	O enfermeiro deve estar preparado para agir caso ocorram convulsões durante o período de internação. É importante que ele saiba identificar os sinais de convulsão, como movimentos involuntários, perda de consciência, mordida na língua ou incontinência urinária. O enfermeiro deve manter o paciente seguro durante a convulsão, afastando objetos perigosos e evitando que ele se machuque.
Observar e registrar os sinais vitais	Durante uma convulsão, a frequência cardíaca e respiratória pode aumentar, e a pressão arterial pode diminuir. O enfermeiro deve monitorar os sinais vitais do paciente durante e após a convulsão, e registrar as informações para o médico.
Administrar medicamentos	O enfermeiro pode ser responsável por administrar os medicamentos prescritos pelo médico para controlar a epilepsia. É importante que ele siga corretamente as orientações médicas quanto à dosagem e horários de administração dos medicamentos.
Orientar o paciente e a família	O enfermeiro pode orientar o paciente e a família sobre a epilepsia, explicando como as convulsões ocorrem, quais são os fatores que podem desencadeá-las e como preveni-las. Ele também pode ensinar técnicas de primeiros socorros para lidar com convulsões em casa, como colocar o paciente de lado em posição lateral de segurança.
Colaborar com outros profissionais de saúde	O enfermeiro deve trabalhar em equipe com outros profissionais de saúde, como médicos, fisioterapeutas e psicólogos, para garantir um cuidado integrado e efetivo ao paciente com epilepsia.
Promover a qualidade de vida	Além de prevenir convulsões, o enfermeiro pode ajudar a melhorar a qualidade de vida do paciente com epilepsia, incentivando atividades físicas e mentais que não representem risco para o paciente, por exemplo.

Fonte: SERIGATTI; PADULA; WATERS, 2021; RAB, 2017.

Além disso, os enfermeiros possuem um papel crucial de orientar os cuidadores sobre os níveis de consciência e atenção, fluxo dos atendimentos em serviços de emergência, cuidados durante uma crise convulsiva e pós crise e sobre internações. Diante disso, o enfermeiro atua nos cuidados a portadores da epilepsia com atenção intra e extra hospitalar, com o objetivo de ofertar uma assistência completa em todo o processo de monitorização do paciente (DINIZ; PASSOS, 2020).

Diante da casuística, é de responsabilidade da enfermagem avaliar as ocorrências que desencadeiam as crises antes mesmo que ocorra uma crise convulsiva, a partir de estímulos visuais, olfatórios, táteis e auditivos, parâmetros de avaliação neurológica, distúrbios psicológicos ou emocionais, hiperventilação e sono, além de oferecer informações e suporte educacional aos envolvidos. Portanto para a formulação de intervenções voltadas para as pessoas com epilepsia é necessário possuir habilidades e conhecimento acerca do enfrentamento da doença (PEREIRA et al., 2020).

No momento da crise a equipe da enfermagem deve realizar todos os estímulos citados além de também administrar fármacos prescritos a fim de minimizar as crises, com cuidados que vão desde a fase inicial até o pós. Além disso, o enfermeiro da estratégia de saúde em família (ESF), deverá realizar visitas domiciliares com o intuito de conhecer os hábitos de vida do paciente e prestar orientações aos familiares acerca da rotina e como agir durante uma crise (MOREIRA; FUREGATO, 2018).

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

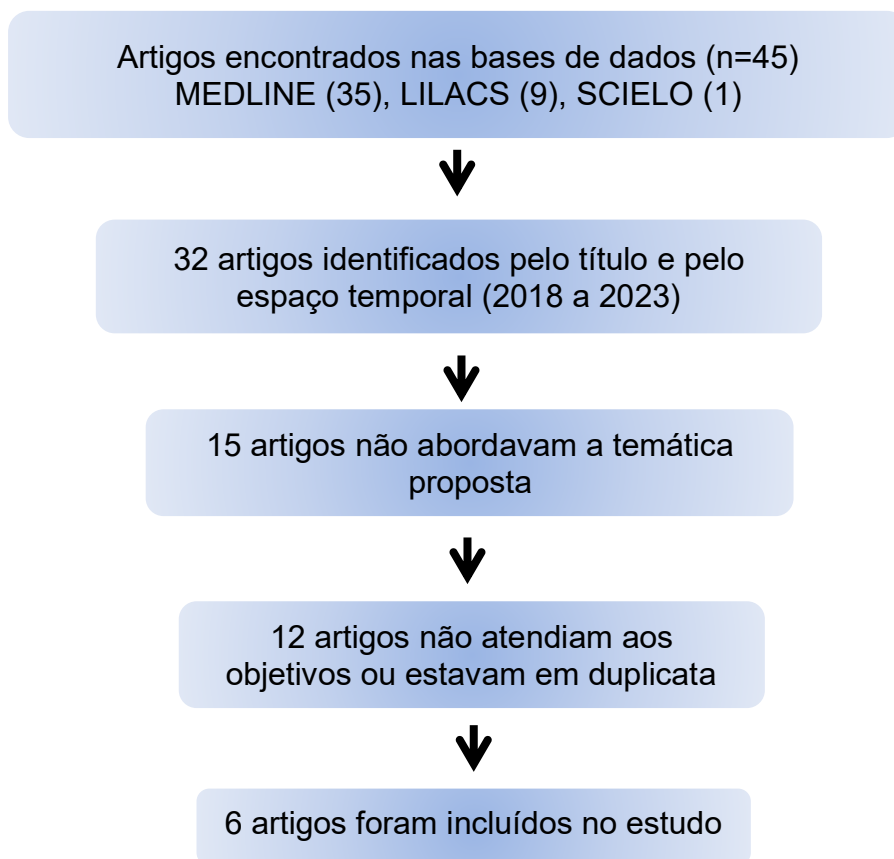
Esse estudo trata-se de uma revisão integrativa da literária, com o objetivo de reunir conhecimentos científicos através de estudos publicados sobre o tema abordado, para avaliar e contribuir com o conhecimento da temática. A revisão de literatura oferece uma visão ampla de um determinado fenômeno, com certo grau de objetividade, além de proporcionar uma nova perspectiva sobre uma realidade já observada (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Para busca dos artigos na literatura foram utilizados os seguintes descritores: assistência de enfermagem; crises epiléticas; convulsão. Os critérios de inclusão foram artigos científicos sem corte temporal, com texto completo nos idiomas

Português e Inglês. Sendo utilizadas as bases de dados: MEDLINE, SCIELO e BVS (biblioteca virtual de saúde). Para levantamento das informações dentro dos artigos, foi elaborado um roteiro de coleta com os seguintes tópicos; (1) Autor/ano (2) Título, (3) Objetivos; (4) Resultados/Considerações.

Na elaboração deste estudo, foram identificados inicialmente 45 (quarenta e cinco) materiais científicos. Seguindo os critérios de inclusão e exclusão, foi feita a análise do ano de publicação (espaço temporal) e do título, em busca de identificar a presença de ao menos um dos descritores em seu título. O próximo passo destinou-se a identificar artigos duplicados e à leitura dos resumos, visando identificar os artigos que não correspondessem à temática deste estudo. A última etapa consistiu em avaliar minuciosamente se os textos atendiam aos objetivos deste estudo, resultando em 5 artigos que obedeceram aos critérios de elegibilidade. A figura 1 ilustra o a estratégia de busca adotada neste estudo.

Figura 1 – Fluxograma da estratégia utilizada para seleção dos artigos.



Fonte: As autoras (2023).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O quadro 2 dispõe dos artigos selecionados para o estudo. Foram 5 estudos que obedeceram aos critérios de elegibilidade. Nela contém as principais informações dos trabalhos, como respectivamente o nome e ano de publicação, título do trabalho, objetivo do trabalho e resultados e considerações do trabalho.

Quadro 2. Características dos estudos em ordem decrescente de ano de publicação.

Autor/Ano de publicação	Título	Objetivo	Resultados/ Considerações
Paul et al., 2014	Nurse-led epilepsy follow-up clinic in India: is it feasible and acceptable to patients?	Investigar se uma clínica de acompanhamento de epilepsia liderada por enfermeiras é viável na Índia e é aceitável para os pacientes.	É viável para enfermeiros treinados administrar clínicas de acompanhamento de epilepsia na Índia e os pacientes provavelmente ficarão satisfeitos com essa abordagem.
Bradley; Lindsay; Fleema, 2016	Care delivery and selfmanagement strategies for adults with epilepsy (review)	Avaliar os efeitos de qualquer intervenção especializada ou específica além do tratamento usual em adultos com epilepsia.	Concluiu-se que o enfermeiro especialista e a educação em autogestão tem alguma evidência de benefício, no entanto, não foi encontrada evidências claras de outros modelos que melhorem substancialmente os resultados para adultos com epilepsia.
Pfäfflin et al., 2016	Efficacy of the epilepsy nurse: Results of a randomized controlled study.	Investigar a eficácia dos enfermeiros na satisfação com o aconselhamento sobre epilepsia.	Foi desenvolvido um questionário confiável para satisfação com o tratamento da epilepsia. Enfermeiros de epilepsia melhoram a satisfação dos pacientes com aconselhamento e

			informações sobre epilepsia e problemas concomitantes.
Faria et al., 2017	Ações Assistenciais do Enfermeiro ao Paciente Portador de Epilepsia Mioclônica Juvenil e Sua Família no Âmbito da Atenção Primária à Saúde	Identificar as principais ações da enfermagem ao paciente portador de Epilepsia Mioclônica juvenil e sua família no âmbito da atenção Primária à Saúde, através de uma revisão integrativa da literatura	Os resultados mostraram que a EMJ é um problema de saúde pública e tem sua incidência em ascensão. Nesse contexto o enfermeiro é responsável pelo monitoramento dos pacientes, além de articulador entre a equipe multiprofissional e o paciente. Existem poucos estudos e publicações sobre o tema e esse número diminui quando envolve o enfermeiro.
Rab, 2017	Magnets to the rescue: An innovative educational tool for pediatric patients.		Capacitação do enfermeiro na coordenação do atendimento ao paciente, gerenciamento de ligações entre os vários níveis de atendimento, fornecendo aconselhamento e apoio aos pacientes e organizando grupos de educação do paciente para esclarecimento de dúvidas e informações sobre epilepsia.

Fonte: As autoras (2023).

Dois dos artigos encontrados (PFÄFFLIN et al., 2016; RAB, 2017) retratam a importância da capacitação de enfermeiros diante dos cuidados com os pacientes portadores de epilepsia. Portanto, capacitar e treinar esses profissionais de saúde tem sido recomendado como meio de otimizar o acesso aos cuidados de epilepsia nos diferentes níveis de atenção à saúde.

O estudo de Paul et al. (2014) enfatiza o treinamento teórico-prático sobre epilepsia do enfermeiro estudante de pós graduação em uma clínica na Índia. O estudante de pós-graduação recebeu treinamento didático relacionado ao atendimento e gerenciamento de clínica que atende a paciente com epilepsia, juntamente com observação supervisionada. Foi observada uma evolução na satisfação dos pacientes diante do atendimento com o aluno adequadamente treinado.

O profissional de saúde exerce papel fundamental no atendimento aos pacientes com epilepsia, uma vez que ele desempenha tarefas essenciais na identificação do paciente e monitorização do tratamento. No entanto, a maioria destes, não se sentem seguros no manejo desse público alvo, reforçando a necessidade de treinamentos específicos para o adequado tratamento (FARIA et al., 2017).

Enfermeiros especialistas em epilepsia podem atuar em áreas chave, realizando tarefas como: iniciar novos desenvolvimentos da prática clínica, desenvolvimento de programas educativos para pessoas com epilepsia, família e público em geral e capacitação dentro da equipe multidisciplinar. (HIGGINS et al., 2018).

Para intervenções adequadas, são necessárias diversas áreas de profissionais de saúde no atendimento ao paciente com epilepsia. Os enfermeiros exercem papel chave nesse cenário, pois são profissionais de referências nos ambulatórios, emergências e na grande maioria dos serviços de saúde. Esses profissionais podem administrar medicamento, tirar dúvidas sobre segurança e causas da epilepsia. Portanto é fundamental que esses profissionais possam adquirir conhecimento sobre como funcionam as convulsões e a doença em si, torna-se mais claro e eficiente o atendimento (BRADLEY; LINDSAY; FLEEMA, 2016)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que há estigmas quanto ao portador de epilepsia devido a desinformação por boa parte da população. Nesse sentido, a assistência de enfermagem é primordial no processo de acompanhamento no que diz respeito a compreensão do portador e dos seus familiares acerca dos aspectos sobre a doença.

Os achados apontam a importância da capacitação dos profissionais de enfermagem na conduta profissional direcionada aos pacientes com epilepsia. Acima de tudo, esse profissional de enfermagem atua na educação em saúde, especialmente importante na educação básica. Vale ressaltar a importância dos enfermeiros especialistas (especialização ausente no Brasil), gerenciando as mudanças nos serviços, na educação, propiciando avanço na assistência à pessoas com epilepsia.

O presente estudo traz uma importante contribuição para a difusão de conhecimento relacionados aos cuidados com os pacientes portadores de epilepsia, de forma a estimular os enfermeiros a realizar especializações em neurologia e saúde mental. Foi possível desmistificar alguns aspectos relacionados à complexidade desta patologia.

Diante do exposto, sugere-se que a enfermagem seja incentivada a realizar mais estudos sobre a temática diante da limitação de literaturas a respeito do tema. Fica a sugestão para que os acadêmicos de enfermagem busquem as diferentes áreas de especialidade da enfermagem, inclusive na neurologia, sempre visando estarem prontos a prestar assistência adequada aos pacientes que apresentem distúrbios relacionados a essa área.

REFERÊNCIAS

COLE, K. A.; GASPAR, P. M. Implementation of Epilepsy Self-Management Protocol. **Journal of Neuroscience Nurses**, v. 47, n. 1, p. 3-9, 2015.

COSTA, O.L.L.; BRANDÃO, C. E.; SEGUNDO, M. B. M. L. Atualização em epilepsia: revisão de literatura. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 99, n. 2, p. 170-81, 2020.

DINIZ, G.G.D.; PASSOS, M.A.N. A contribuição da enfermagem para pacientes portadores de epilepsia. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos** - Ano III, v. 3, n. 7, ISSN: 2595-1661, 2020.

FARIA, L. M.; MELLO, M. S.; COSTA, T. M.; TORRES, L. M. Ações Assistenciais do Enfermeiro ao Paciente Portador de Epilepsia Mioclônica Juvenil e Sua Família no Âmbito da Atenção Primária à Saúde. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 2, v. 1, p. 317- 48, 2017.

HOPKER, C. D. C. et al. The individual with epilepsy: perceptions about the disease and implications on quality of life. **CoDAS**, v. 29, n. 1, p. 1-8, 2017

MILLER, W. R. et al. The life changes in epilepsy scale: development and establishment of content and face validity. **Clinical nurse specialist CNS**, v. 29, n. 2, p. 95-99, 2015.

MOREIRA, G. C. D.; FUREGATO, A. R. F. Pessoas com epilepsia, uso de álcool, tabaco e outras drogas e o cuidado de enfermagem: revisão. **Nucleus**, v.15, n. 2, 2018.

PAUL, P.; AGARWAL, M.; BHATIA, R. et. al. Nurse-led epilepsy follow-up clinic in India: is it feasible and acceptable to patients? **A pilot study. Seizure**, v. 23, n. 1, p. 74-6, 2014.

PFÄFFLIN, M.; SCHMITZ, B.; MAY, T. W. Efficacy of the epilepsy nurse: Results of a randomized controlled study. **Epilepsia**, v. 57, n. 7, p. 1190-8, 2016.

PEREIRA, M. S. S. et al. Crise convulsiva: Cuidados de enfermagem ao paciente na urgência e emergência. **Rev Inter em Violência e Saúde**, v. 3, n. 1, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: método e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, '2013.

RAB, B. D. Magnets to the rescue: An innovative educational tool for pediatric patients. **Nursing**, v. 47, n. 6, p. 16-18, 2017.

SCHEFFER, I. E. et al. Classificação das epilepsias da ILAE: Relatório da Comissão de Classificação e Terminologia da ILAE. **Epilepsia**, v. 58, n. 4, p. 512-21, 2017.

SERIGATTI, E. G.; PADULA, M. P. C.; WATERS, C. Assistência de enfermagem ao paciente com diagnóstico de epilepsia: pesquisa bibliográfica. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 4858–4879, 2021

SOUZA, I. F; et al. Perfil epidemiológico da epilepsia e mal epilético em pacientes menores de 19 anos no estado do Tocantins entre 2007 a 2017. **Revista de Patologia do Tocantins**, v. 8, n. 1, 2021.